

35º Encontro Anual da Anpocs

GT22 - Migrações internacionais: interações entre estados, poderes e agentes.

Práticas discursivas da negação do racismo em São Paulo

Szilvia Simai (Unicamp) e Rosana Baeninger (Unicamp)

Introdução

São Paulo tem uma longa experiência de imigração. Essa herança histórica da imigração internacional como elemento constituinte da formação social do país (Holanda, 1989,21 ed; Furtado, 1961; Fausto, 1975; dentre outros) tem contribuído muito para a reprodução dos discursos, tendendo a criar imagens de um país receptivo ao imigrante estrangeiro; um país com "vocação imigrante". A nossa pesquisa faz uma crítica a esse discurso normativo, e questiona nível de valor de verdade do conteúdo desses discursos. Alem do conteúdo dos discursos, o estudo critica também as interpreta es e os implicativos dos discursos envolvidos. Porém, faz uma critica estruturalmente completa ao conteúdo, interpreta o e às implica es dos discursos normativos dos Brasileiros e de um grupo estrangeiro imigrante em São Paulo, os Bolivianos. O termo "discurso" refere-se   forma de prática social que se manifesta na conversa e comunica o, juntamente com outras expressões não verbais. Este trabalho tem por objetivo discutir de vários exemplos discursivos contemporâneos da nega o da existência do racismo e conflitos entre os Brasileiros e os Bolivianos na cidade de São Paulo. Nesse trabalho, o termo racismo refere-se ao sistema de racismo, consistindo em um subsistema social e cognitivo. Assim, ele inclui - mas não limita - as atitudes, as op es, as afirma es, políticas e as a es racistas, xenófobas e discriminatórias com base na origem das pessoas como a nacionalidade, a origem étnica, e o grupo linguístico. Nosso trabalho indica o proeminente papel que a nega o desempenha no discurso contemporâneo e segue o trabalho discursivo da nega o sobre rela es raciais e étnicas entre os imigrantes contemporâneos e brasileiros na cidade de São Paulo. Enquanto um número de estudos de pesquisa tem demonstrado que a nega o   uma forma de discurso que   utilizada habitualmente na comunica o diária e se tornou a maneira mais típica, usual e moderna de lidar com atitudes, afirma es, pontos de vista, a es e políticas incomodadas ou condenadas moral e ideologicamente (Billig, 2006; Cohen, 2001; Frosh, em andamento; Seu, 2002; Simai, Baeninger e Hook, 2011; Petrova 2001). A nega o   um dos vários mecanismos de defesa do ser humano.   o ato de ignorar ou recusar-se a acreditar em uma realidade

desagradável e proibida (Becker, 1973; Freud, 1950; Cohen, 2001; Frosh, em andamento; Seu, 2002). Para entender essas condições psicossociais, é necessário entrar em um estudo discursivo explorando as fantasias, receios e envoltimentos emocionais das comunidades participantes. Assim, este estudo foi motivado pela crença de que só conhecendo e entendendo as características específicas dos construtos discursivos, tanto de bolivianos e brasileiros na cidade de São Paulo, é possível alcançar um entendimento sobre as atitudes uma para com a outra.

A imigração boliviana em São Paulo

Dentre as migrações internacionais recentes para a cidade de São Paulo, de acordo com Silva (2006), os imigrantes bolivianos constituem o maior grupo, apontando serem provenientes do Departamento de La Paz na Bolívia. De fato, os estudos de Souchaud (2010) indicam a origem migratória Aimara dos bolivianos residentes na metrópole paulista e os de Xavier (2010) demonstram a intensa conexão entre o município de El Alto, localizado no Departamento de La Paz, e os fluxos migratórios para São Paulo.

Segundo Silva (2006:159) “o início da imigração boliviana para São Paulo remonta à década de 50, quando, em função de um programa de intercâmbio cultural entre Brasil e Bolívia, alguns estudantes vieram ao país em busca de qualificação acadêmica não disponível na Bolívia, muitos dos quais permaneceram na cidade”.

Contudo, tais acordos trouxeram um perfil migratório mais qualificado de profissionais bolivianos nos anos 1950 e 1960 para o Brasil, à época concentrados na fronteira, diferenciando-se das características atuais desse fluxo que se dirige hoje, em sua maior parte, para a metrópole (Sala, 2008; Freitas, 2009; Xavier, 2010; Souchaud, 2010).

Destaca-se que a migração fronteiriça histórica desses bolivianos no Brasil não alimentou a migração - trinta anos depois - para a metrópole de São Paulo; a migração fronteiriça não se configurou como uma etapa migratória rumo à metrópole paulista (Souchaud e Baeninger, 2007).

Em uma abordagem relacionada a cadeias migratórias, Freitas (2009) indica que os movimentos migratórios de bolivianos para a Região Metropolitana de São

Paulo apresentam articulação com outro grupo imigrante. Nos anos 1963 e 1967 iniciou-se um fluxo de coreanos para o Brasil - também em função de acordos entre os países (Choi, 1991; Mera, 2006; Galetti, 1996 e Buechler, 2003) -, havendo uma confluência desses dois movimentos migratórios (bolivianos e coreanos). Desse modo, o percurso migratório dos coreanos em direção ao Brasil, nos anos 1960, teve como caminhos a entrada pela Bolívia ou Paraguai. “Dessa forma, desde o início do fluxo migratório para o Brasil, os coreanos estabelecem uma inserção paralela ilegal em território brasileiro, a partir de vistos de turista emitidos pelo consulado boliviano” (Freitas, 2009: 96).

Assim, “em torno dessas novas configurações migratórias, chama atenção, no contexto urbano da cidade de São Paulo, a presença crescente, a partir de fins da década de 1980, de imigrantes bolivianos jovens, que passaram a se inserir no trabalho de costureiros em oficinas de costura clandestinas, em geral, ligadas à produção de roupas dos lojistas coreanos, que migraram para o continente latino-americano a partir da década de 1960” (Freitas e Baeninger, 2010).

Entretanto, Freitas (2009) afirma que a partir da segunda metade da década de 1990, a ligação entre coreanos e bolivianos começa a se dissipar, com a comunidade coreana adquirindo reconhecimento social devido ao sucesso comercial; os imigrantes bolivianos, além de “trabalhadores explorados”, começam a aparecer também como “exploradores” do trabalho de seus compatriotas. De acordo com a autora, depois dos anos 2000, outras articulações, sobre o mercado de trabalho paralelo de costureiros bolivianos são reveladas: suas conexões com os locais de origem da comunidade boliviana. As evidências dessas conexões revelam que não se trata de um sistema de subcontratação localizado na cidade de São Paulo, com imigrantes já instalados; parece se configurar um sistema de subcontratação que inicia na própria Bolívia, a partir de instituições informais ou via redes de parentesco, os bolivianos seriam contratados em seus próprios locais de origem para o trabalho em oficinas de costura clandestinas na cidade de São Paulo.

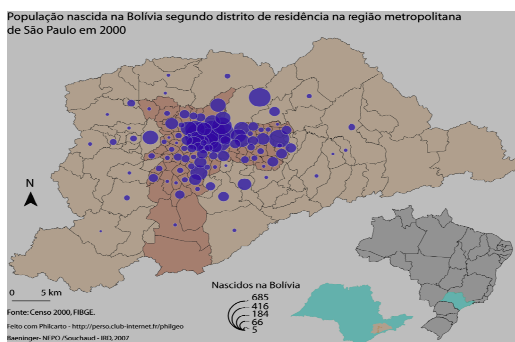
A distribuição espacial dos imigrantes bolivianos em São Paulo, portanto, revela as faces visíveis e invisíveis da imigração boliviana para São Paulo. De acordo com os estudos de Souchaud e Baeninger (2007), três aspectos são relevantes: i) a concentração da população nascida na Bolívia residentes nas áreas centrais

do município de São Paulo (Distritos de Pari, Bom Retiro e Belém), diferenciando-se das migrações internas, onde predomina o destino da periferia metropolitana; ii) a confluência da localização espacial entre bolivianos e coreanos no Município de São Paulo; iii) a importância do tempo de residência na metrópole como fator de dispersão dos bolivianos do centro metropolitano (Mapas 1 e 2).

Dentre as características das migrações bolivianas na Região Metropolitana de São Paulo destaca-se a invisibilidade feminina, uma vez que 82% dos bolivianos são os chefes de domicílio (na fronteira essa participação é de 70%) com o predomínio da mão-de-obra masculina nas oficinas de costura.

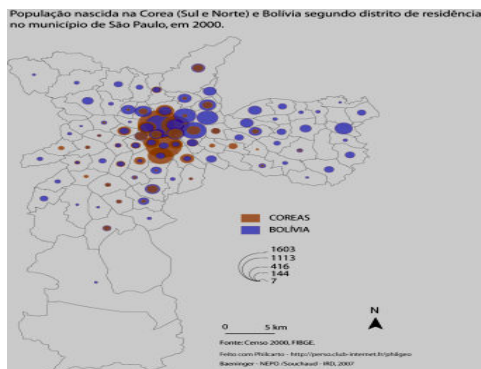
Trazer essas especificidades de formação e origem do fluxo de bolivianos em São Paulo, bem como suas especificidades e características atuais permitem identificar elementos que se (re)produzem nas práticas cotidianas, nas relações sociais e na percepção sobre esse contingente imigrante na vida da cidade.

Mapa 1



Fonte: Extraído de Souchaud (2010)

Mapa 2



Fonte: Extraído de Souchaud (2010).

Metodologia

Uma abordagem multimétodo foi usada na coleta de dados para este estudo empírico quantitativo. Conduzimos grupos-focais com brasileiros para permitir maior entrosamento no estudo de retórica social contemporânea sobre imigrantes bolivianos em São Paulo, ao mesmo tempo em que realizamos entrevistas individuais de profundidade com imigrantes bolivianos morando na cidade, para explorar suas experiências migratórias e analisar a experiência subjetiva através de cada narrativa individual. Gravamos tanto os grupos focais como as entrevistas individuais e em seguida elas foram transcritas e os textos traduzidos para a análise de discurso. Em geral, o relatório desta pesquisa oferece uma leitura discursiva dos dados dos grupos focais e entrevistas individuais nas formas contemporâneas da negação de racismo e xenofobia em São Paulo.

Os grupos focais foram conduzidos com 24 estudantes de graduação de ambiente universitário entre 26 e 28 de fevereiroⁱ de 2011. Os grupos dos departamentos de psicologia, comunicação e economia foram selecionados no campus da Universidade de São Paulo. Todos esses participantes alegaram estar em São Paulo e a idade variou de 18 a 50 anos de idade. Seu histórico étnico foi o seguinte: 5 amarelos, 8 negros e 12 brancos.

Nossas 15 entrevistas individuais de profundidadeⁱⁱ com imigrantes bolivianos foram conduzidas e gravadas, sendo posteriormente transcritas e submetidas a análise de discurso individual. Em termos de análise, as declarações dos participantes não são representativas da personalidade dos indivíduos, atitudes pessoais ou processos cognitivos subjacentes - mas como articulações de narrativas correntes, socialmente disponíveis nas relações inter-étnicas entre brasileiros e bolivianos na cidade de São Paulo.

Nós estávamos principalmente interessados em como 'o outro' é interpretado - tanto por imigrantes brasileiros como bolivianos - quais recursos discursivos são empregados e para quais finalidades. Para nós, lutar discursivamente com a função de uma interpretação específica significa o engajamento com os recursos histórico-sociais que os justifica, as condições que os tornam possíveis,

bem como seus contextos materiais e ideológicos. Nesse sentido, interpretações discursivas informam e regulam o que pode e não pode ser feito e pensado - como as pessoas posicionam a si mesmas e aos outros; no entanto, ocorrem tanto ativamente como passivamente; os sujeitos podem ser agentes na escolha de suas interpretações, e ao mesmo tempo serem definidos pelos discursos de disponibilidade e acessibilidade. O que as pessoas dizem, então, é discurso em ação, ideologia que se tornou experiência vivida.

Durante a análise de dados, muitas categorias lingüísticas, semânticas e discursivas foram identificadas e uma tipologia da retórica da negação do racismo foi re-interpretada. A hipótese foi então reaplicada várias vezes ao texto, resultando em descobertas apresentadas no presente trabalho.

No relatório dos grupos-alvo, foram feitas referências ao pesquisador como moderador e aos respondentes como 'entrevistados', enquanto as seções que analisam as entrevistas teóricas individuais com imigrantes bolivianos referem-se ao pesquisador como entrevistador e aos respondentes como 'entrevistados'.

FORMAS DISCURSIVAS CONTEMPORÂNEAS DE NEGAÇÕES ENCONTRADAS

Negação

Em psicologia, negação é um conceito que se originou com as teorias psicodinâmicas de Sigmund Freud. De acordo com Freud, três dinâmicas mentais, ou forças motivadoras, influenciam o comportamento humano: id, ego e superego. O id consiste de instintos de sobrevivência e o que Freud acreditava serem os dois impulsos humanos dominantes: sexo e agressão. Se o id fosse a única influência no comportamento, os seres humanos buscariam exclusivamente o aumento de prazer, a diminuição da dor e o alcance de gratificação imediata de desejos. O ego consiste em pensamento lógico e racional. Ele permite que os seres humanos analisem os riscos e benefícios realistas de uma situação, tolerem alguma dor para futuro benefício, e considerem alternativas ao comportamento dirigido por impulsos do id. O

superego consiste em padrões moralistas e forma a base da consciência. Embora o superego seja essencial para um senso de certo e errado, ele pode também incluir idéias extremas, irrealistas sobre o que se deve ou não fazer.

Todas essas três forças possuem objetivos diferentes - id: prazer; ego: realidade; superego: moralidade - e lutam continuamente pela dominância, resultando em conflitos internos. Esse conflito produz ansiedade. O ego, que funciona como mediador entre os dois extremos do id e superego, tenta reduzir essa ansiedade pelo uso de mecanismos de defesa. Os mecanismos de defesa são maneiras indiretas de lidar ou fazer face à ansiedade, tais como dar justificativas ou culpar os outros pelos problemas. Negação é um dos vários mecanismos de defesa. Ela implica em ignorar ou recusar a acreditar em uma realidade desagradável. Os mecanismos de defesa protegem o bem-estar psicológico em situações traumáticas ou que produzam ansiedade ou conflito. No entanto, eles não resolvem a situação que produz ansiedade e, se usados em excesso, podem levar a distúrbios psicológicos. Embora o modelo de Freud de id, ego e superego não seja enfatizado pela maior parte dos psicólogos atualmente, os mecanismos de defesa ainda são considerados padrões de comportamento desajustado que podem conduzir a distúrbios psicológicos.

De uma perspectiva psicossocial, a negação tem um significado ligeiramente diferente. Durante o período inicial de socialização, quando aprendemos a falar correta e adequadamente, aprendemos também todas as normas de como ser educados e sociáveis, de modo que precisamos saber o que pode ser dito, o que é rude, não educado, etc., – ou seja, o que é aceitável ou não. As crianças frequentemente causam embaraço nas conversas de adultos simplesmente porque dizem coisas e tocam em assuntos que são considerados tabus. Assim, a linguagem é repressiva e expressiva ao mesmo tempo. Como sabemos da psicanálise, o que é proibido aumenta o desejo - portanto, há uma constante força para reprimir tais desejos. De modo que as tentações para transgredir as normas morais e ideológicas devem ser habitualmente reprimidas, impulsionadas pelo conhecimento e negação do discurso. Apesar disso, podemos concluir que, se por um lado a linguagem cria a necessidade de repressão, ela também fornece os meios de repressão conforme adquirimos

habilidades e técnicas de negação. Isso significa que a negação como forma discursiva de expressão e repressão do que é proibido pode ser aprendido e praticado socialmente. Dessa forma, a negação é uma forma de discurso que é usada habitualmente na comunicação diária e se tornou a maneira mais típica, usada e moderna de lidar com atitudes, afirmações, pontos de vista, ações e políticas condenadas moral e ideologicamente - tais como racismo e xenofobia.

Nesses casos, podemos observar uma atitude ambivalente. Após a Segunda Guerra Mundial, o racismo e xenofobia eram ideologias moralmente condenadas e proibidas, e os que compartilhavam essas idéias precisaram reprimir e negá-las discursivamente. Consequentemente, a negação do racismo como forma discursiva em práticas sociais é, ironicamente, fruto do progresso da luta contra ela (Petrova: 2000).

Brasileiros falando sobre bolivianos

Em um nível mais geral, os estudantes brasileiros mostraram forte favoritismo em grupo. As escolhas de vocabulário e associações dos imigrantes bolivianos reforçaram continuamente esse posicionamento em seu discurso. Eles se preocupavam rigidamente com as diferenças entre o nós positivo (brasileiros) e os negativos ou exóticos outros. Uma auto-apresentação positiva do Brasil e dos brasileiros era muito comum. Os brasileiros eram descritos como muito receptivos e respeitosos aos vários grupos étnicos e raciais provenientes de qualquer lugar do mundo. Contra-ataques foram também usados para enfatizar que os brasileiros também sofrem muito no exterior, e que categorias de mudança de raça para classe econômica foi muito comum no discurso, ao tocar em assuntos de discriminação racial ou étnica. Censura moral foi rara, mas surgiu durante os grupos-alvo como rejeição à visão mais liberal presente nos campus sobre a aceitação de estrangeiros no Brasil, e isso criou conflito entre os participantes. Várias negações, tais como escolhas discursivas de negação, foram muito frequentes, e muitos desses tipos serão discutidos na subseção abaixo, inclusive negações com base em empatia, ignorância aparente, transferência e negação explícita. Vamos relacionar abaixo várias formas retóricas de negação racista encontradas nos discursos dos grupos-alvo.

Escolhas de Tópicos

Uma análise detalhada da discussão ajuda a mapear os tópicos principais que emergiram durante a discussão. A escolha de tópicos mostra vários aspectos. Estudos anteriores conduzidos nos EUA e vários países europeus sobre conversas a respeito de imigrantes mostram muitas particularidades sobre as escolhas de tópicos. De acordo com Teun Van - quando entrevistados foram casualmente perguntados sobre suas vizinhanças, muitos freqüentemente começaram a falar espontaneamente sobre os estrangeiros de forma negativa -. Curiosamente, em conversas diárias sobre outras pessoas ou sobre uns aos outros, muitos tópicos diferentes podem ser abordados, mas quando se trata de imigrantes, os tópicos de discussão se mostram limitados, e são predominantemente negativos. Tópicos positivos ocorrem em casos de enfatizar as diferenças entre os outros, tais como considerar os estrangeiros exóticos ou provedores de enriquecimento cultural. Seguem abaixo várias narrativas retiradas dos grupos focais.

MODERADOR: O tópico hoje é sobre os imigrantes bolivianos em São Paulo. Como você se sente sobre esse assunto?

1. *ENTREVISTADO: [...] Sei que eles têm muitas dificuldades aqui em São Paulo, que são semi-escravos no trabalho.*

2. *Quando você mencionou o assunto, a primeira coisa que veio a minha mente foi uma feira semanal de artesãos aqui em São Paulo.* MODERADOR: *Você esteve lá?*

3. *Não, nunca, mas sei que existe. Isso me fez pensar sobre a riqueza cultural que eles trazem para cá, mas ao mesmo tempo sei que essa feira é resultado de muitos bolivianos que vem aqui e se envolvem em trabalhos muito difíceis, com ela disse, sofrendo muito. Eles trabalham e moram no mesmo lugar.*

4. *A primeira coisa que pensei quando começamos a falar, foi nos produtos feito à mão que eles vendem aqui [...] acredito que sejam muito unidos. É isso que eu vejo, eles parecem uma espécie de tribo, a família toda caminha junto,*

possuem olhos mais orientais, vestem roupas coloridas e vendem seus artesanatos.

5. Ouvi dizer que na favela aqui perto há um grande contingente de bolivianos. Portanto...eles são diferentes de nós. Por exemplo, para eles é normal bater em mulher [...] Eles tem dificuldade em muitos trabalhos que fazem....eles vem aqui em busca de trabalho...

6. [...] Quando visitei a Bolívia, tive a impressão de que o país era muito pobre. Mas eles também não são refugiados aqui.

7. [...] a cultura deles é muito antiga e tem-se a impressão de que as pessoas carregam essa coisa antiga, essa indigedade em suas vidas e cultura [...] então, eles são muito ricos culturalmente.

Vemos, através desses trechos, que os principais tópicos discutidos nos grupos-alvo se concentraram principalmente em três áreas. Um foi a ênfase na pobreza, sofrimento e semi-escavidão ao trabalho, citado nos trechos 1, 3 e 6. O segundo foi sua natureza exótica, a idéia dos bolivianos como sendo diferentes, conforme visto nos trechos 2, 3, 4 e 7. A terceira idéia foi o conceito de estrangeiros moralmente não aceitáveis, agressivos, conforme descrito no trecho 5. Todos os tópicos discutidos foram negativos e associados a pobreza, escavidão ou violência; a única visão positiva levantada foi quando os brasileiros consideraram os bolivianos como os outros exóticos, culturalmente ricos e economicamente pobres, conforme resumido no trecho número 3. Essa linha de pensamento é na verdade algo que foi expresso muito eloquentemente por outro participante do grupo-alvo.

8. Acredito também que haja coisas muito interessantes sobre essas pessoas, como por exemplo o que ela disse, que temos a impressão de que a Bolívia seja uma nação de passado glorioso e pobreza atual.

Assim, o grupo começou a pensar em conjunto e essa participante se permitiu dizer que o que os outros haviam dito era verdade e que NÓS, brasileiros, vemos a Bolívia como uma nação de povo pobre, mas de passado culturalmente

rico. Essa narrativa foi interessante, no sentido de que possibilitou integrar os vários pontos de vista individuais e expressá-los em um pensamento de grupo.

Auto-Apresentação Positiva

Do ponto de vista dos entrevistados, a base semântica da negação é a verdade. A negação de racismo em conversas e lógica do dia a dia pressupõe que o orador acredita que seu grupo ou país seja essencialmente tolerante e receptivo em relação aos imigrantes. Assim, a auto-apresentação positiva é um ingrediente importante no discurso diário e deve ser entendida como negação argumentativa de acusações de anti-racismo (van Dijk, 2002; Billig, 1997).

9. Acredito que o Brasil seja um país que sempre aceitou diferenças culturais e que não deveria haver motivos para os brasileiros excluírem os outros. Os imigrantes podem manter suas culturas e mesmo assim se integrar em nossa sociedade. Temos, por exemplo, o bairro japonês em São Paulo, onde é claro que eles mantêm suas tradições japonesas e ao mesmo tempo participam da sociedade brasileira mais ampla.

10. A experiência que tenho em viajar pelos países vizinhos da América do Sul e do Norte é que os brasileiros são muito mais receptivos a estrangeiros que os outros países. Não digo que a situação aqui seja perfeita, mas os brasileiros são mais permissivos e receptivos.

11. Como muitos povos estrangeiros participaram do desenvolvimento do nosso país, acho que nosso povo aqui em São Paulo tem mais facilidade de viver em conjunto com outras raças e grupos étnicos. Como somos diversificados, aceitamos mais facilmente a diversidade.

Vemos nesses trechos as auto-apresentações positivas da história da imigração em São Paulo, a diversidade da população na cidade e, em geral, a imagem construída de brasileiros como povo mais permissivo e receptivo, e tudo isso leva a um favoritismo intragrupo entre os Paulistas (pessoas de São Paulo) e brasileiros em geral. Assim, a auto-apresentação positiva é fundamental para a negação de nosso lado ruim e o lado bom deles, e mostra a tendência de depreciar o outro e elogiar e glorificar a própria história, experiência e passado.

Como Teun Van Dijk colocou, Todas essas estruturas diferentes em vários níveis [...] contribuem para a estratégia global de auto-apresentação positiva e apresentação do outro como negativa. Vimos que precisamente tais estruturas podem surgir e ser dirigidas à construção de estruturas mentais similares, ou seja, atitudes e ideologias negativas sobre minorias e imigração (van Dijk, 2002).

Contra-ataque

Contra-ataque no discurso sobre imigrantes refere-se a um movimento retórico estratégico pelo qual o sujeito é revertido. Assim, este tipo de negação funciona através da reversão, da seguinte maneira: *Não é que estejamos excluindo ou sendo racistas, nós também somos vítimas. Sofremos de racismo e exclusão em todo lugar.* Assim, esse tipo de negação muda o sujeito do discurso e se projeta no lugar do imigrante. Nos grupos-alvo, isso apareceu em forma de reclamações sobre como os brasileiros são vistos no exterior quando imigrantes. Embora o grupo-foco fosse realmente sobre imigrantes morando em São Paulo, o orador fez esse comentário discursivo estratégico (narrativa 12):

12. Acredito que se trate de outro problema, que é o da legalização. Se, por exemplo, uma brasileira vai ao exterior e tem a possibilidade de trabalhar como manicure, garçonzete ou babá, ela é vista pelos outros como sendo de um país de trabalhadores de serviços. Se ela consegue ter também empregos normais é diferente. Se todo mundo que vai para o exterior se torna manicure, então os brasileiros são vistos como um país de manicures.

O que é interessante nesse tipo de negação é que para ela ocorrer, precisa-se basicamente identificar um inimigo simbólico e dizer que o fato de sermos ou não intolerantes não é realmente a questão principal. *O verdadeiro problema é (para ela) que outros sejam intolerantes conosco.*

Apresentação de problemas de Raça ou Etnia como Problemas Econômicos e Sociais em Geral

Esta é uma forma muito comum de negação e basicamente considera a desvantagem econômica de um grupo minoritário e usa isso para negar o lado racista da realidade. Sem dúvida, é verdade que em muitos casos o grupo

minoritário é socialmente marginalizado, excluído e tem desvantagens, mas há também um aspecto racial que está sendo negado. Dimitrina Petrova (2000) analisou esse tipo de negação e concluiu que tal retórica considera raça, nacionalidade e etnia sem importância e acidental, mas também, o que é mais importante, irrelevante, e isso traz uma abordagem Marxista ao problema de negação de racismo. É possível acompanhar essa estratégia nos extratos dos grupos-alvo abaixo.

13. MODERADOR: Estamos em uma entrevista de emprego e muitos candidatos brasileiros estão presentes quando um boliviano surge de repente. O que acontecerá? ENTREVISTADO: Eu acho que ele será estigmatizado, tenho essa impressão, porque ele vem de uma região muito pobre. Exatamente como os brasileiros do nordeste, os nordestinos são estigmatizados em São Paulo também.

14. Sim, acredito que sejam estigmatizados devido ao fato de serem pobres.

15. Não conheço muito sobre política pública, mas acho que isso tem a ver com o fato de haver muitos pobres aqui no Brasil também. Trabalhar é duro para todos nós, para os brasileiros também.

16. Acho que esse é um problema geral e não específico dos bolivianos.

17. Aqui, aqueles que tem dinheiro, como jogadores de futebol da raça negra, não são negros para a sociedade porque possuem dinheiro.

Podemos ver pelas narrativas 13, 14, 15, 16 e 17 que essa estratégia de mudança de raça para situação econômica funciona de várias maneiras e pode enfatizar o fato de que os brasileiros estão igualmente sofrendo de tal discriminação, e, portanto, isso nada tem a ver com nacionalidade, como vemos nas narrativas 14, 15 e 16. No entanto, pode haver uma mistura de raça, etnia e nacionalidade, que pode produzir declarações como a de número 17.

Mitigação

Análises conceituais anteriores de negação já mostraram que a negação pode também estar implicada em várias formas de mitigação, tais como o uso de

eufemismos ou geralmente minimizando o ato ou a responsabilidade do acusado.

18. Tenho a impressão de que esse é um problema mais importante em outros locais, como por exemplo, na Europa. Podemos ver na TV como é difícil imigrantes islâmicos se integrarem na sociedade na França. Portanto, penso que esse não é tanto um problema aqui no Brasil. Talvez devêssemos levar isso mais a sério, mas não acho que esse seja um problema no Brasil de jeito nenhum.

Como mostra bem a narrativa 18, a mitigação não somente aparece no uso de eufemismo, mas pode também aparecer na retórica da redistribuição de responsabilidade, e, conseqüentemente, na negação da culpa. A lógica psicológica de um discurso como esse é que não somos nós os principais responsáveis pelas tensões, mas o problema reside em outro lugar. A responsabilidade é de outras pessoas. Aparentemente, nessa forma de negação, a própria agência está sendo disputada.

Censura Moral

Os grupos focais revelaram um conflito que terminou na formulação de outro tipo de negação, conforme realçado nos trechos das seguintes narrativas:

19. Acho que tanto é válido os estrangeiros virem e morarem aqui como é válido os brasileiros irem e morarem no exterior [...] É mais uma questão de fazer seres humanos se sentirem bem-vindos do que imigrantes se sentirem bem-vindos.

20. Realmente não sei; o que significa quando ele diz “fazê-los se sentir bem-vindos”? Isso significa convidar estrangeiros aqui e dar-lhes moradia, etc...? Se é isso que ele quer dizer, não aceito.

Como as narrativas 19 e 20 ilustram, o participante com visão mais liberal foi bloqueado e censurado. A narrativa 20 indiretamente acusou o outro ENTREVISTADO de ter uma visão excessivamente liberal e clamar pela verdade, e isso não pôde ser aceito na opinião do ENTREVISTADO 20.

Negações

Uma negação é um dispositivo semântico que contém uma parte aparentemente neutra de "nós" e uma parte claramente negativa de "eles", ou o "outro". Essa estrutura semântica é tão típica, que muitas subformas podem ser distintas aqui. A parte aparentemente neutra da frase baseia-se em vários aspectos. Por exemplo, poderia ser baseada em ignorância aparente, como no seguinte exemplo:

21. Não conheço muito desse tópico, mas ouvi dizer que, embora eles aleguem ter conflitos aqui, não retornam à Bolívia. Isso significa que devem ter condições ainda piores lá.

Outros mecanismos servem para neutralizar a primeira parte da frase, isto é, transferência, empatia aparente ou até mesmo negação explícita podem formar a base das negações.

22. Não participei, mas ouvi muitos comentários no ônibus, tais como, "Olhe. Há tantos bolivianos aqui"... e assim por diante.

23. Tenho certeza de que eles tem muitas dificuldades, mas o Brasil também tem muitos problemas, de modo que não podemos ajudá-los mais do que já o fazemos...

24. Por exemplo, a bolsa famíliaⁱⁱⁱ. Digo, não estou reclamando aqui, mas muitas pessoas estão. Estão reclamando que os que recebem bolsa família são preguiçosos e criminosos, etc....

Tudo isso reforça a idéia de que as negações usam uma estrutura gramatical da parte Neutra, mais o *mas*, mais o aspecto Negativo do *outro*. Como foi revelado na narrativa 22, a parte Neutra foi composta de uma parte aparentemente ignorante ou mal informada, e na narrativa 23 a parte Neutra foi estruturada como transferência. A narrativa 23 usou também a empatia na parte Neutra da frase e a narrativa 24 demonstra negação explícita. De acordo com Dimitrina Petrova, "Uma negação pessoal é tão típica da maioria dos discursos contemporâneos que pode ser vista como um marcador ideológico (2000:32).

Bolivianos falam sobre suas experiências de morar em São Paulo

Ao contrário dos brasileiros, os imigrantes bolivianos mostraram um forte favoritismo fora do grupo, elogiando os brasileiros e frequentemente atacando seus compatriotas bolivianos. Conflitos internos e discriminação foram, portanto, muito significativos em suas narrativas. O efeito da terceira pessoa foi também comumente encontrado no material coletado, através da atribuição de experiências negativas aos outros que a si mesmos. Auto-estima baixa - com sua parceira negação - e intensa frustração causada pelo estereótipo por parte de brasileiros, foram identificadas como várias estratégias usadas para lidar com esse tumulto interno. Auto-retrato positivo para esconder problemas e negar conflitos foi também claramente reconhecido. Elogio aos brasileiros hospedeiros foi muito comum. Todas essas características comportamentais atuais sugerem que haja uma ambivalência atitudinal presente na comunidade boliviana, bem como uma tendência a uma justificativa de sistema na comunidade, tanto a nível individual como grupal.

Discriminação Interna

A discriminação interna é a forma primeira e mais visível de favoritismo fora do grupo. A presença e referências a conflitos internos na comunidade boliviana em São Paulo foram expressas através de várias negações. A maioria das negações foi sobre os méritos do grupo boliviano, em que as vantagens e lados positivos foram negados e os fatores negativos enfatizados. Opcionalmente, há identificação interna no grupo, mas ela claramente delinea quem pertence a aquele intragrupo, uma vez que existem subgrupos. Por exemplo, há favoritismo interno no intragrupo entre profissionais bolivianos, mas uma exclusão de bolivianos de outros subgrupos. Há alguns exemplos de narrativas das entrevistas realizadas:

1. ENTREVISTADO: Quando eu cheguei aqui pensei que tudo fosse muito bom. ENTREVISTADOR: Então você gosta daqui. ENTREVISTADO: Sim, gosto. Tem sido muito bem estar aqui.[...] Os brasileiros nos ajudaram muito. [...]
ENTREVISTADOR: Está bem, então você está satisfeita aqui. O que você recomendaria a qualquer outra mulher boliviana que quisesse vir para São

Paulo? ENTREVISTADO: Que...que aqui é muito bom e que os brasileiros são muito prestativos. Aqui há de tudo. ENTREVISTADOR: Então, tudo é bom ... [...] ENTREVISTADO: Bem, conheço pessoas que tiveram experiência ruim também, muito ruim... e eu mesma fui maltratada uma vez. [...] Os bolivianos às vezes nos tratam mal. Tive alguns problemas na casa onde morava por causa de meus filhos. Eles não gostavam de nós, principalmente porque as crianças eram barulhentas.

Esse trecho de uma das entrevistas mostra a tendência que aparece constantemente nas entrevistas com os bolivianos. Essa tendência é de valorizar positivamente o grupo que não é um intragrupo, mas um grupo externo – nesse caso os brasileiros – e ao mesmo tempo considerar e fazer comentários negativos sobre o intragrupo - os bolivianos. De uma perspectiva psicológica, esse seria um caso de auto-ódio, a hipótese sendo que as minorias, imigrantes e grupos de status rebaixado podem sofrer de complexo de inferioridade tanto individual como coletivo. De fato, estudos sócio-psicológicos após a Segunda Guerra Mundial mostram que grupos que sofrem de preconceito podem internalizar preconceitos da sociedade contra si mesmos e adotar certas preferências a grupos mais avantajados -. Recentes avanços no campo, ou seja, na teoria de justificação de sistemas -, encontraram que para tolerar todos os tipos de injustiças e desigualdades, as pessoas in situações difíceis podem suportar ou racionalizar o status quo e reforçar, em um nível subjetivo, a ideologia e ações dominantes do grupo principal de poder. Assim, quanto mais poderoso o grupo a que se pertença, maior será o favoritismo intragrupo, ao passo que aqueles que pertencem aos grupos de menor poder demonstram mais tendências ao favoritismo fora do grupo. Essas atitudes podem ser tão ampliadas, que podem levar a conflito interno dentro do grupo. Descobrimos que os bolivianos discriminam contra imigrantes recém-chegados que não possuem qualificações, conforme mostrado nas narrativas abaixo:

2. ENTREVISTADO: Naquela época, os imigrantes bolivianos que vinham a São Paulo eram profissionais... profissionais como meu pai. Para obter documentos, era necessário passar por muitos exames, tanto psicológicos como exame de sangue. Não como atualmente! Hoje, as pessoas da Bolívia vêm de zonas

rurais, não querem estudar...,mas antes não era assim.[...]Esses bolivianos que estão imigrando agora vem de zonas rurais, mas a Bolívia não é apenas assim.

ENTREVISTADOR: Como é o seu relacionamento com os brasileiros?

ENTREVISTADO: Os brasileiros recebem os estrangeiros muito bem, de forma muito diferente dos outros países. Os brasileiros recebem os estrangeiros com gentileza. [...] Mas se você disser que é boliviano, eles tem a idéia de que os bolivianos são todos iguais. Mas nós não somos. Por exemplo, os brasileiros pensam que a Bolívia é inteiramente como a Rua Coimbra, a feira boliviana aqui. Mas não é. Há bolivianos que vão lá, mas a Bolívia não se resume somente na feira.

Essa entrevista reforça a mesma tendência de falar de forma bem negativa sobre o próprio intragrupo e até criar conflito dentro do grupo. É um tipo de separação que ocorre quando imigrantes bolivianos são definidos como não tendo educação e até indesejáveis pela comunidade imigrante anterior. A narrativa vai até o ponto de revelar sérias frustrações sobre a imagem da comunidade boliviana em São Paulo estar em risco pelos imigrantes recém-chegados, descritos como imigrantes de baixo perfil. Por outro lado, os brasileiros são elogiados e vistos de forma absolutamente positiva. A sociedade hospedeira brasileira não recebe críticas, mesmo por estereótipos injustos. As críticas e reclamações são diretamente feitas aos membros do intragrupo, os bolivianos].

Baixa Auto-Estima

Estreitamente relacionada com esse exemplo anterior, a baixa-estima pode ser esperada quando um grupo mostra sinais de favoritismo fora do grupo. De acordo com John Jost -, grupos com favoritismo fora do grupo possuem uma tendência psicológica geral de justificar e racionalizar a ordem social existente e pensar que as relações de grupo existentes sejam legítimas e justas. Desta forma, se as relações intragrupais forem conflituosas, a tendência será de acreditar que há razões legítimas para isso e que o grupo fez algo errado para levar as relações nessa direção. Podemos ver isso realçado no extrato da seguinte entrevista:

3. *ENTREVISTADO: Às vezes, quando digo que sou boliviana, dizem que os bolivianos são ruins, que não valem nada. Eles dizem que você é boliviana, mas você sabe que os bolivianos são pessoas ruins. Aí eu digo, não, nem todos. Mas, sim, eles exploram uns aos outros. Não pagam seus funcionários, todos nós conhecemos esses casos. Os brasileiros também dizem que os bolivianos bebem muito. ENTREVISTADOR: Então, os brasileiros dizem que os bolivianos bebem muito. É isso? ENTREVISTADO: Sim, realmente, os bolivianos de fato bebem muito, é verdade (rindo). ENTREVISTADOR: Isso a incomoda? ENTREVISTADO: Um pouco. Porque quando eu digo que sou boliviana, sempre acrescento que nem todos os bolivianos são iguais. Concordo que eles explorem uns aos outros, mas nem todos fazem isso, e quando explico isso aos brasileiros, eles entendem.*

No trecho de entrevista acima, a mulher boliviana justifica o estereótipo dos bolivianos de ter a tendência de explorar um ao outro e beber demais. A legitimação desses dois estereótipos negativos reforça a idéia de que, realmente, os brasileiros estão corretos em pensar assim. A entrevistada deve então justificar o motivo pelo qual esses hábitos negativos existem. Assim, a baixa-estima bloqueia a entrevistada e ela não resiste aos estereótipos enraizados. No fim, ela também acrescenta que os brasileiros entendem suas explicações, retratando os brasileiros como muito tolerantes e compreensivos. Esse processo inteiramente psicológico inverte a situação e ao invés de rejeitar as acusações infundadas e estereótipos generalizados, ela os legitima através de uma falta de força e de auto-estima insuficiente.

Auto-Retrato Positivo

Uma forma aberta de negação encontrada nos participantes bolivianos é a negação de problemas, que resulta em um auto-retrato exclusivamente positivo.

4. *ENTREVISTADO: Nunca me apresento como alguém que tenha problemas. Sempre digo no Brasil que vim aqui estudar.*

Alguns entrevistados acreditam que falar a verdade sobre suas dificuldades na vida traria obstáculos a um bom relacionamento. Eles mantiveram a crença de

que se alguém é apresentado como uma pessoa que quer estudar, isso dá uma imagem positiva, ao passo que migrantes econômicos são vistos de forma negativa. Migrantes econômicos são associados a pobreza e problemas, e o entrevistado então pensa que essa não seja uma boa maneira de se posicionar na sociedade hospedeira. O entrevistado abaixo também mostrou que está muito frustrado com a imagem negativa da Bolívia e, portanto, esforçou-se em retratar aquele país de forma leve.

5. ENTREVISTADO: Criei esse projeto Bolívia Cultural, onde mostro que a Bolívia não é apenas o que muitas pessoas vêem... [...] Há muitos brasileiros que entram no site e enviam emails dizendo que não sabiam que a Bolívia era tão bonita, etc....[...]

A intenção de retratar o próprio país positivamente é um desejo natural, porém, escondendo e negando problemas continuamente, porque o medo de rejeição é uma crença comum entre os imigrantes bolivianos em São Paulo.

Efeito Terceira Pessoa

O efeito terceira pessoa é um padrão semântico, onde as pessoas conseguem encontrar uma desculpa para se libertar de um exemplo, caso ou situação mencionados. Isso significa que a pessoa é capaz de referir-se a uma humilhação ou embaraço potencial, ou caso proibido ideológica e moralmente, colocando a culpa em outras pessoas que não estejam presentes na ocasião da narração da história. De acordo com Michael Billig -, quando as pessoas usam estruturas de efeito terceira pessoa, elas, na realidade, reivindicam indiretamente que os outros têm essa opinião ou que tal fato aconteceu com elas, mas elas não, elas podem resistir, não compartilham com aqueles pontos de vista, não terão essas experiências negativas.

6. ENTREVISTADO: Há pessoas que realmente tiveram experiências ruins [...].

O efeito terceira pessoa produz otimismo irrealista e impactos impessoais e esse alívio psicológico é a essência dessas formas retóricas. Assim como todas as formas de negação, isso faz as pessoas recusarem a realidade.

CONCLUSÃO

De modo geral, o favoritismo intragrupo encontrado entre brasileiros e o resultante favoritismo fora do grupo entre imigrantes bolivianos é bem definido discursivamente nos dois lados, assim como o são os papéis de posição de poder claramente expressos e identificados. Os brasileiros se consideram como uma nação muito receptiva, portanto, você deve valorizar o fato de estar aqui e nós também somos discriminados no exterior. Essas são as posições e a retórica social dominante dos brasileiros. Os discursos de brasileiros e normalização possuem também a mesma intenção de reduzir a ênfase no estrangeirismo como base de discriminação, e essa é uma retórica que reforça a posição de poder da sociedade hospedeira sobre os imigrantes bolivianos. Por outro lado, o tipo de retórica de elogio, tal como os “brasileiros são bons para nós, ajudam-nos muito”, é também muito comum e mostra o favoritismo fora do grupo. O favoritismo fora do grupo em direção à minoria sem poder e o favoritismo intragrupo em direção ao lado poderoso da sociedade hospedeira resulta na manutenção do status quo. Para tolerar todos os tipos de desigualdades, a comunidade de imigrantes bolivianos, bem como a sociedade hospedeira brasileira, dá suporte ou racionalizam o status quo, mesmo quando isso contradiz seu próprio auto-interesse. Essa pesquisa realmente nos mostra que a repressão e a negação discursiva se tornaram a principal técnica na luta contra a realidade. Ela verdadeiramente ecoa Freud, que acreditava que a repressão fosse nossa principal auto-proteção. Pode soar ambivalente, mas o que encontramos foi que ao lidar com a realidade, as pessoas recusam vê-la e expressam suas experiências através da negação. Como Ernest Becker argumentou uma vez em *A Negação da Morte 'a essência da normalidade é a recusa da realidade'*.

Referências

- ALLPORT, G. (1954) *The Nature of Prejudice*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- BAENINGER, R. and SOUCHAUD, S. (2007) *Vínculos entre a migração nacional e a migração interna: o caso dos bolivianos no Brasil*. Taller Nacional sobre “Migración interna y desarrollo en Brasil: diagnóstico, perspectivas y políticas. Brasília.
- BECKER, E. (1973) *The Denial of Death*. New York: The Free Press.
- BILLIG, M. (1997) Discursive, rhetoric and ideological messages. In C. McGartz and Haslam (Ed.) *The message of Social Psychology: perspectives in mind and society*. Oxford: Blackwell.
- BILLIG, M. (2006) A psychoanalytic discursive psychology: from consciousness to unconsciousness. *Discourse Studies*, 8, 17-24
- BUECHLER, S. (2004) *Sweating it in the Brazilian Garment Industry: Bolivian workers and global economic forces in São Paulo*. Nova Iorque: Metropolitan Studies, New York University, 2003.
- BURMAN, E. and PARKER, I. (eds.) (1993) *Discourse analytic research. Repertoires and Readings of Text in Action*. London: Routledge.
- CHOI, K. J. (1991) *Além do arco – Íris: a imigração coreana no Brasil*. Unpublished Master`s thesis. Postgraduate program in Anthropology. São Paulo: FFLCH – USP.
- COMIN, A. and AMITRANO, C. (2003) Economia e emprego: a trajetória recente da Região Metropolitana de São Paulo. *Novos Estudos Cebrap*, n. 66, p. 53-76.
- EDWARDS, D. and POTTER, J. (1992) *Discursive Psychology*. London: Sage.

EDWARDS, D. and POTTER, J. (1993) Language and causation: A discursive action model of description and attribution. *Psychological Review*, 100: 23-41.

FREIRE, C. (2008) *Trabalho informal e redes de subcontratação: dinâmicas urbanas da indústria de confecções em São Paulo*. Unpublished Master`s thesis. Postgraduate program in Sociology. São Paulo: FFLCH – USP

FREITAS, P. T. (2009) *Imigração e Experiência Social: o circuito de subcontratação transnacional de força-de-trabalho boliviana para o abastecimento de oficinas de costura na cidade de São Paulo*. Unpublished Master`s thesis. Postgraduate program in Demography. Campinas: IFCH/Unicamp.

FREITAS, P.T. and BAENINGER, R. (2010) Cidade e Imigração: origens e territórios da imigração boliviana e coreana para a cidade de São Paulo. IN: Baeninger, R. *População e Cidades: subsídios para o planejamento e para as políticas sociais*. Fundo de População das Nações Unidas/NEPO-UNICAMP.

FREUD, S. (1950) *Totem and Taboo*. New York: W.W. Norton & Co.

GALETTI, R. (1995) Migração de estrangeiros no centro de São Paulo: coreanos e bolivianos. In: PATARRA, N. (Coord.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil Contemporâneo. Programa Interinstitucional de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais no Brasil*, v. 1. Campinas: Fundo de População das Nações Unidas (FNUAP), p. 133-143.

GUEVARA, J.– P. (2004) “Migraciones bolivianas en el contexto de la globalización”. *Alternativas Sur*, vol. III, n. 1, pp. 171 – 187.

HALL, M. (2004) Imigrantes na cidade de São Paulo. In: PORTA, P. *História da cidade de São Paulo*. v.3. São Paulo: Paz e Terra, p. 121-151.

JOST, J.T., and BURGESS, D. (2000). Attitudinal ambivalence and the conflict between group and system justification motives in low status groups. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26, 293-305.

KADLUBA, R. C. (2007) *A imigração na cidade de São Paulo – integração dos imigrantes na cidade como forma de combate à pobreza – URB AL Rede 10*. São Paulo: Secretaria Especial para Participação e Parceria, Instituto Uniemp – Fórum Permanente das Relações Universidade /Empresa e Comunidade Européia.

KIM, Y. N. (2008) *A jovem Coréia – um almanaque sobre uma das imigrações mais recentes do Brasil*. São Paulo: Sua Editora.

MERA, C. (2009) “Diáspora coreana em America Latina” (artigo on line: <http://64.233.169.104/search?q=cache:2riULJBQ18YJ:ceaa.colmex.mx/estudios/coreanos/images/mera.pdf+carolina+mera&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=20&gl=br&client=firefox-a>)

PATARRA, N. and BAENINGER, R. (1995) Migrações Internacionais recentes – o caso do Brasil. In: _____ (coord.). *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. Programa Interinstitucional de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais no Brasil, v. 1. Campinas: Fundo de População das Nações Unidas (FNUAP), p.78-87.

PEREIRA, V. (2004) *Migración interna en Bolivia – causas y consecuencias (1985 – 2000)*. La Paz: CEF – Plural Editor.

PERES, R. (2009) *Mulheres na Fronteira: A migração de bolivianos para Corumbá - MS.. 2009* (Tese (Doutorado em Demografia) - Universidade Estadual de Campinas.

PETROVA, D. (2000) 'The Denial of Racism', *Roma Rights-Newsletter of the European Roma Rights Centre*, Number 4.2000. 26-38.

PORTES, A and SASSEN – KOOB, S. (1987) Making it underground: comparative material on the informal sector in western market economies. *American Journal of Sociology*, p.30-61.

PORTES, A. (1995) Economic sociology and sociology of immigration: a conceptual overview. In: _____ (org). *Economic sociology of immigration: essays on networks, ethnicity and entrepreneurship*. Nova Iorque: Russel Sage Foundation, p.1-41.

POTTER, J. and WETHERELL, M.(1987) *Discourse and Social Psychology*. London: Sage.

POTTER, J. and WETHERELL, M. (1995) Discourse Analysis. In: J.A.Smith, R. Harre' and L. Van Langenhove (eds.) *Rethinking methods in Psychology*. London: Sage.

SALA, G. A. (2006) Nuevos y viejos migrantes de países del cone sur residentes en Brasil. *Estudios Migratorios Latino Americanos*, ano 20, n. 59, 99 – 138.

SILVA, S. A. (1997) *Costurando sonhos – trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo*. São Paulo: Paulinas.

SILVA, S. A. (2006) Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. *Estudos Avançados*, v. 20, n. 57, p.157-170.

SIMAI, S. and BAENINGER, R. (2011). Racism and Its Denial: Bolivian Immigrants in São Paulo. In: Simai, S.; Baeninger, R. & Hook, D. (Eds.) *Exploring Contemporary Racism: Denial and Affective Logic*. Saarbrucken: VDM Publishing.

SIMAI, S. and BAENINGER, R. (2011). *Racismo e sua negação: o caso dos imigrantes bolivianos em São Paulo*. TRAVESSIA - Revista do Migrante, Publicação do CEM, Ano XXIV, Nº 68, janeiro-junho/2011.

SOUCHAUD, S. (2010) A imigração boliviana em São Paulo. In: H. Póvoa Neto, A. P. Ferreira, et al (Ed.). *Deslocamentos e reconstruções da experiência migrante*. Rio de Janeiro: NIEMUFRJ/ Garamond.

SOUCHAUD, S. and BAENINGER, R. (2008) Collas e Cambas do outro lado da fronteira: aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em Corumbá, Mato Grosso do Sul. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v.25, n.2, p.271-286.

TARRIUS, A. (1993) "Territoires circulatoires et espaces urbains: différenciation des groupes migrants". *Les Annales de la Recherche Urbaine*, nº 59/60, 1993: 50-59.

TRUZZI, O. "Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro". *Estudos Históricos*, 28. Rio de Janeiro, 2001.

VAN DIJK, T.A. (2004) Discourse and racism. In David Goldberg & John Solomos (Eds.), *The Blackwell Companion to Racial and Ethnic Studies*. (pp. 145-159). Oxford: Blackwell.

VAN DIJK, T. A. (1984) *Prejudice in Discourse: An Analysis of Ethnic Prejudice in Cognition and Conversation*. Amsterdam: J. Benjamins Co.

VAN DIJK, T. A. (1987) *Communicating Racism: Ethnic Prejudice in Thought and Talk*. Newbury Park, CA: Sage Publications.

VAN DIJK, T.A. Denying racism: Elite discourse and racism. In: J. Solomos & J. Wrench (Eds.). *Racism and Migration in Western Europe*. (pp. 179-193). Oxford: Berg, 1993.

WETHERELL, M. and POTTER, J. (1992) *Mapping the Language of Racism: Discourse and the Legitimation of Exploitation*. New York: Columbia University Press.

WODAK, R., NOWAK, P., PELIKAN, J., GRUBER, H., de CILLIA, R., and MITTEN, R. (1990) "*Wir sind alleunschuldige Triter.*" *Diskurshistorische Studien*

*zum Nachkriegsantisemitismus ["We are all innocent perpetrators." Discourse
Historic Studies in Postwar Antisemitism]. Frankfurt/Main: Suhrkamp.*

XAVIER, I. R. *Projeto Migratório e Espaço – os migrantes bolivianos na Região
Metropolitana de São Paulo*. Unpublished Master`s thesis. Postgraduate
program in Demography. Campinas: IFCH/Unicamp.

Notas Finais

ⁱ Os grupos-alvo conduzidos em português foram traduzidos para o inglês e transcritos.

ⁱⁱ As entrevistas conduzidas em português foram traduzidas para o inglês e transcritas.

ⁱⁱⁱ Uma subvenção governamental dada a famílias necessitadas no Brasil.